

HENRY JOLLES

VILEM FLUSSER

A morte corta os fios que nos ligam aos outros e faz com que as suas pontas fiquem suspensas no nada. A morte de Henry Jolles fez com que os fios que transmitiam uma mensagem e um convite significativos transmitam agora o silêncio frio de um abismo absurdo. O lugar ocupado por Jolles na nossa circunstância transformou-se em fenda pela qual vislumbramos a nossa própria falta de fundamento. Há algo de indigno na nossa impotência face à morte do outro, do nosso parceiro na luta contra o absurdo. Sentimos que devemos poder fazer alguma coisa, por inapropriada que seja. Sentimos a impossibilidade de simplesmente aceitar passivamente o fato brutal e estúpido da morte. É este o sentimento que inspira o presente artigo. Tentarei transmitir algo daquilo que era Henry Jolles, a fim de mascarar o fato brutal e estúpido do seu desaparecimento. Será a soma de tentativas frustradas e frustrantes como está aquilo que chamam de "imortalidade"?

Henry Jolles era um nobre. Creio que nada caracteriza melhor a nossa época que o fato de articularmos este termo "nobre" com dificuldade. Somos uma época burguesa. Opomos a burguesia ao proletariado e, se fôrmos burgueses, receiamos a proletarização da burguesia. Mas é óbvio que este nosso receio é infundado: o proletariado, como, de resto, a humanidade toda, está-se aburguesando. Há um nivelamento progressivo de gestos e gostos, de normas de pensamento e de comportamento no denominador comum "burguesia", e talvez se resuma nisto todo o nosso progresso. Jolles, no entanto, era um nobre. Os gestos, com os quais vestia chapéu e luvas traíam a sua nobreza tanto quanto os seus gestos no teclado. Fala-se muito da nobreza do espírito, para contrastá-la com a nobreza hereditária e do dinheiro. Não é a estes chavões que me refiro. Tenho em mente um determinado clima existencial que marca a personalidade toda. Tenho em mente um "estilo". Jolles tinha um estilo nobre. E isto me parece ser a chave para o deciframento da sua relação com a música, uma relação que é para nós um ensinamento. Jolles era "professor", mas no sentido pleno do arcaico termo "mestre". Ensinava a tocar piano, ensinava a ouvir o mundo revelado pela música, mas ensinava, acima de tudo, uma atitude. Quem escreve estas linhas é um aluno. Não de música, e de música pouco entende. Mas de atitude. E será desse ensino

feito depois e está sendo feito agora não era música para Jolles, e deveria ser designado por outro termo. Não se pode compor música atualmente. O projeto musical está inteiramente realizado, e não há sintomas de um renascimento. Passou a época criadora. Somos herdeiros. Somos chamados a cultivar a nossa herança. Os interpretes das obras realizadas nas épocas grandiosamente realizadas são os guardiões da nossa herança. Jolles sente a responsabilidade dessa vocação quase sagrada pesar sobre os seus ombros. Porque a própria continuidade dessa nossa herança está periclitando. A perfeição técnica das interpretações atuais ameaça mergulhar a nossa tradição musical em rigorosidade característica do "rigor mortis". Essa perfeição técnica é apenas um aspecto da nossa tendência para a tecnicização progressiva. Há uma verdadeira corrida em direção à perfeição técnica, e todo "virtuoso" procura superar tecnicamente os seus competidores. Está-se fazendo música num espírito inteiramente alheio e inimigo da nossa herança. Os poucos que ainda conservam fidelidade à tradição musical lutam pela preservação de valores ameaçados. Ameaçados não por novos valores (porque não há sinal de novos valores, mas pelo barbarismo. Jolles era dos poucos. Lutou por constituir ao seu redor um dos poucos núcleos a conservarem as glórias do passado. Lutou por constituir um núcleo equivalente aos mestres da época pré-medieval, uma ilha de cultura no mar de barbarie da futilidade. A sua é a posição dos monges do "Jogo de contas de vidro" de Hermann Hesse.

É uma visão radical a que estou esboçando. Mas Jolles não vivenciava a sua radicalidade. A todas as minhas tentativas de fundamentar filosoficamente a sua visão, Jolles respondia negativamente. Recusava-se a conceitualizá-la. Não por falta de cultura filosófica, porque Jolles a tinha e a considerava uma das condições indispensáveis para a vivência autêntica da música que nos foi legada. Mas porque receava a intelectualização excessiva da vivência musical, um dos perigos que ameaçam, a seu ver, a atualidade. Não lhe interessava "compreender" a nossa situação, interessava reagir contra ela. Reagir contra ela com o empenho de todas as faculdades. E essa reação é possível na atitude reverente perante a nossa herança. Devemos tomar inteiramente a sério os nossos grandes antepassados.

honestidade. É na expectativa do malogro que o êxito nasce. Jolles descreveu essa expectativa dramática que carrega a atmosfera de uma sala de concerto em artigo publicado há poucos meses neste Suplemento. Pois bem: esta expectativa é eliminada numa execução gravada. Em virtude de repetidas retomadas e de cortes de erros a execução gravada é sempre "perfeita", isto é, insignificativa. É uma música morta. A música gravada é a morte da música, porque nada arrisca. A música gravada é portanto a própria meta dos "virtuosos" no significado pejorativo do termo. É ela o prototipo daquilo contra o que Jolles se empenhava.

É claro que o que Jolles combatia no toca-disco era a objetivização, a desexistencialização, a perfeição, enfim, a profanação da nossa relação com a música que para ele devia ser religiosa. Recorro a este termo, porque "religiosidade" é justamente este movimento do espírito em busca da perfeição inatingível, em busca sempre arriscada. Neste sentido (e também em outros), Jolles era um músico profundamente religioso. Havia para ele uma derradeira realidade, nunca alcançável, mas intuível na vivência da música tal como nos foi confiada pela tradição, e tal como a podemos sorver na interpretação dos grandes interpretes do passado e do presente. A despeito de toda a sua humildade, estar entre esses interpretes era a sua meta.

Como se aproximava Jolles dessa sua meta, era fisicamente vivenciável por todos que tiveram o privilégio de observá-lo de perto, quando tocava. O seu rosto se transformava, o seu olhar se apagava e os seus lábios formulavam, nitidamente e audivelmente, a linha da música que tocava. Entrava numa

espécie de transe. E, quando chegava a um "pianissimo", era essa articulação dos lábios o único som perceptível. O dedo quase não tocava a tecla, apenas a acariciava. O som não era mais produzido pelo piano, instrumento inteiramente inadequado à expressão daquilo que invadia o mestre e seus ouvintes, mas sim pelo espírito puro. Era nele e em nós que o som ressoava. Estávamos, graças a ele, em comunhão com algo inteiramente inarticulável. Nestes momentos éramos testemunhas da música no significado orfíco e pitagórico deste termo. E foi nesses momentos que pude compreender o que Schopenhauer pretendia ao dizer que a música era o nosso único acesso direto à realidade. Jolles conseguiu quebrar em nós o mundo das representações e, neste sentido, libertar-nos. Jolles era um dos grandes.

Disse, no início, que Jolles era um nobre. Talvez seja explicável esta sua nobreza que marcava todos os seus atos pela experiência que momentos de exaltação como estes ("situações de limite") imprimiam sobre ele. Mas talvez seja possível inverter a explicação e dizer que Jolles era um grande mestre, porque era uma personalidade nobre. Contava da sua última "tourné" nos Estados Unidos, que, quando diante da multidão amorfa no "Hollywood Bowl", exposto à turba faminta, sentiu no outro lado do palco imenso, a presença do piano veio-lhe a consciência da obrigação perante a multidão à qual não pertencia. É esta, creio, a vivência da nobreza. São nobres aqueles que, embora não fazendo parte da massa na qual nós, os menores, estamos encurralados, sentem-se obrigados a fazer-nos participar das suas visões maiores.

Jolles morreu. Nada que possa eu ou qualquer outro dizer ou fazer altera este fato. Chavões como aquele que diz que ele vive em nós e por nós são apenas tentativas de mergulhar o fato da morte em sentimentalismo. Mas Jolles viveu. A consciência de sermos doravante mais pobres é prova de que nos tornamos mais ricos graças a ele.

que o presente artigo tratará, embora forme a música o tema aparente. Tratará daquilo que Jolles lhe ensinava nos seus concertos, nas ocasiões preciosas quando tocava em casa, em discussões acaloradas, mas, principalmente, nos momentos do seu diálogo com o teclado, esquecida a presença de outros na sala. E escolherá apenas três aspectos desse ensinamento: a reverência pela tradição musical, a apreciação da música gravada em discos, e o "pianíssimo" de Jolles.

Para Jolles a música no significado atual deste termo é um processo histórico terminado. É ela a expressão máxima de uma determinada cultura que expirou recentemente. Com efeito, para Jolles essa cultura e essa música quase se confundem. Iniciam-se com a polifonia medieval e acabam com a dodecafonia. Daquilo que foi feito antes pouco ou nada sabemos, e não nos diz portanto respeito. Aquilo que tem sido

2

Devemos sorver-lhes não apenas os pensamentos e sentimentos articulados, mas devemos procurar penetrar o seu fundamento inarticulado. Mozart e Schubert (para citar apenas dois exemplos majestosos) são fontes inesgotáveis de renovação espiritual, intelectual e mesmo religiosa. Devemos submeter-nos a eles humildemente. Devemos mergulhar nos seus mundos e emergir de lá como seus intérpretes no nosso mundo tão carente de valores. Era neste espírito que Jolles tocava. Como mensageiro de mundos submersos. Como profeta ao inverso. E assim, humildemente mas ativamente, que Jolles negava a situação dentro da qual estamos lançados. Era um artista "engagé", e era a música que se dirigia ao seu empenho.

Este seu empenho tinha aspectos de um culto. A sua casa continha uma das bibliotecas mais características de uma personalidade das quais tenho conhecimento. O centro dessa biblioteca era formado por manuscritos musicais e por obras de crítica musical. Mas ao lado das partituras de Mozart figuravam gravuras rococó, e, ao lado de Bach, poemas de Catulo. E o que importava nessa biblioteca não era apenas o seu conteúdo, mas igualmente a sua forma estética, quase diria o aspecto tátil dos livros. Era preciso observar com que reverência os manipulava. E com que voz deles falava. Estavam estes livros dedicados, como ele, ao culto de um passado belo e digno. E nessa dedicação havia um momento religioso, uma negação do profano.

Este momento explica a sua recusa da música em discos, da música "enlatada", como dizia. Detestava a própria presença física de um toca-disco, e confessava com ar envergonhado que algumas de suas interpretações tinham sido gravadas. Foi uma das poucas concessões que fez ao ambiente. O motivo do seu ódio era a mecanicidade profana desse tipo de contacto com a música que para ele era sagrada. Essa mecanicidade não dizia tanto respeito à reprodução mecânica, e argumentos quanto ao aperfeiçoamento de tais aparelhos não lhe interessavam. Tampouco dizia respeito ao ambiente no qual uma música assim executada é vivenciada. A própria idéia de que se pode ouvir Beethoven jantando não lhe ocorreu, tão impossível lhe parecia. A mecanicidade que odiava dizia respeito à interpretação mesma. Para ele a interpretação era sempre um risco. Confessava que toda vez que se aproximava do piano sentia esse risco e o temia. Toda vez que tocava apostava tudo, num sentido pascaliano. Nesse risco inerente a toda execução reside o seu valor, sua dramaticidade, enfim, sua

Faleceu ontem o pianista Henry Jolles

Faleceu ontem, nesta Capital, o pianista e professor Henry Jolles, que há algumas semanas fora hospitalizado inesperadamente. Contava 63 anos de idade. Viuvo de d. Elizabeth Henriette Jolles, deixa o filho Olivier Jolles. O enterro sairá hoje, às 9 horas, do Hospital Oswaldo Cruz para o cemitério do Aracá.

N. da R. — Com a morte de Henry Jolles, desaparece também um dos nomes que muito contribuiu para o desenvolvimento artístico de São Paulo, seja por sua atividade como intérprete ou por seu trabalho como professor.

Sua longa carreira, pontilhada de êxitos, no Brasil e no Exterior, encerrara-se realmente com o recital que realizou para o Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, em fins de junho passado, no Teatro Municipal. Já se notava, nessa oportunidade, a atmosfera de despedida, pois muitos dos seus amigos presentes acreditavam ser seu último contacto com o público. Não obstante sua idade e seu estado de saúde, Jolles realizou uma de suas mais notáveis apresentações, alcançando o mais expressivo êxito ao interpretar dois de seus compositores prediletos e com os quais se colocou em posição de relevo: Schubert e Schumann. Esse recital fora preparado pelo artista com o maior entusiasmo, pois tratava-se de um programa por ele escolhido, sem interferência de qualquer espécie, como frisara dias antes da apresentação. Sentia-se satisfeito por isto. Era também um programa no qual o Romantismo ocupava lugar preeminente. Henry Jolles executou uma série de Fantasias que focalizavam o tempo de J. S. Bach até Chopin, aproveitando a ocasião para prestar também homenagem à música brasileira e a Scriabin.



Henry Jolles

conferências públicas, especialmente naquelas destinadas a estudantes universitários.

Após seu último recital em São Paulo, o artista sentiu-se mal, ainda no camarim do Teatro, permanecendo até 1 hora da manhã. Foi socorrido, levado para casa e posteriormente para o hospital, onde veio a falecer.

Descendente de família de origem holandesa, Henry Jolles nasceu em Berlim a 28 de novembro de 1902. Suas tendências artísticas se manifestaram desde cedo, ajudado que foi por seus pais: sua mãe, como ele dizia, era mais instintiva, mas possuía ver-

mento se comemora este ano. Jolles foi também dedicado de vulgador da música brasileira no estrangeiro, não se limitando apenas a apresentá-la em recitais, focalizando-a também em

uma das primeiras alunas de Arthur Schnabel. De seu pai herdou o entusiasmo e amor pela música de câmara, disciplina que cultivou intensamente e da qual foi também um mestre.

Aos oito anos de idade, Henry Jolles já se apresentava em público. Suas qualidades se manifestavam com tamanha força que Schnabel e Eugène d'Albert não hesitaram em tomá-lo como aluno. Estudou piano também com Edwin Fischer, Meyer-Mahr e Breilkopf, e composição com Juon e Kurt Weill. Acompanhou ainda os cursos de musicologia ministrados por Max Friedländer e Johannes Wolf.

Não havia limitações no repertório de Henry Jolles. Com a dedicação que preparava obras clássicas e românticas, fazia também as do repertório moderno. Em Berlim, por exemplo, executou em primeira audição o 3.º Concerto para piano e orquestra, de Prokofieff, como solista da Filarmônica. Nessa ocasião apresentou também as peças para piano, opus 23, de Schoenberg, além de interessar-se profundamente pela obra de Alban Berg.

Como pedagogo, Jolles trabalhou nos Conservatórios de Berlim, Colônia e Paris e em várias escolas brasileiras de música. Nos diversos recitais que realizou no estrangeiro, apresentou ciclos das obras de Bach, Mozart, Beethoven e Schubert.

Tendo adotado a França como sua segunda pátria, ali se casou e veio mais tarde para o Brasil, radicando-se em São Paulo. Deixa um único filho, Olivier Jolles, de 20 anos de idade, que reside nesta Capital.

FRED JORDAN

Lieber Flusser,

Hier haben Sie Jolles wie
er liebte u. lebte.

(Mit mir als Zugabe)

Herzlichst, Fred

Nov. 8!